

NOVO TESTAMENTO III

TEOLOGIA ECLESIASTICA



CNPJ 07.905.126/0001-54

Conhecimento Teológico ao seu alcance!

Prof. Márcio Gonçalves

Conselho Editorial

Edmilson P. Santana – Eliel Queres – Thais N. de Araújo

“Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido e que desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, Para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra”. 2 Tm 3, 14-17.

“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar”.

TEOLOGIA ECLESIAÍSTICA

Novo Testamento III

Prof. Márcio Gonçalves

Márcio Gonçalves

Marcio Gonçalves – Terapeuta familiar. Diretor executivo do Projeto Família em Cristo. Capelão da CAFEBI (Capelania Federal Brasileira e Internacional). Bacharelado em Teologia pelo Instituto Bíblico das Assembleias de Deus do Estado do Rio de Janeiro e licenciado em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia – FACETEN. Professor de diversas matérias teológicas. Idealizador e discipulador da ESCOLA DE MINISTÉRIOS MARCIO GONÇALVES. Líder no MAPI/RJ. (Pastoreio de pastores) na área de famílias e casais pastorais. Palestrante de vários temas cristãos com ênfase em saúde familiar e liderança cristã.

CITERJ

CENTRO INTERDENOMINACIONAL DE TEOLOGIA
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reflexão: Escrituras e Teologia

“A bíblia é a Palavra de Deus inerrante e infalível no propósito para a qual seu autor (Deus) a determinou.

É suficiente para redimir o homem levando-o de volta a Deus. Nela encontramos consolo e orientações de modo suprir as necessidades do nosso corpo, alma e espírito.

Tendo como fonte primária as escrituras sagradas, a teologia tem por finalidade "melhorar" o entendimento quanto às ideias e temas apresentados na Palavra. Ela auxilia no processo de iluminação das verdades revelada na Palavra. A teologia ainda organiza de modo lógico os assuntos na bíblia; combate pensamentos culturais perniciosos; combate o relativismo cultural; o materialismo; auxilia na consolidação de um caráter genuinamente cristão e no ministério desse exercício. Estude e ame a Palavra de Deus. O Espírito Santo que está entretecido nela o iluminará. Nunca, porém despreze a ferramenta para tal: **a Teologia.**”

Edmilson P. Santana
Diretor Geral

DIRETORIA EXECUTIVA 2022

Coordenação Pedagógica: Pr. Alexssandre Borges

Coordenação Geral: Eliel Queres

Secretaria: Maria Jerônimo

Coordenação de Pós-graduação: Dra. Thais Araújo

Diretor Geral: Pr. Edmilson P. Santana

CONSELHO ACADÊMICO

Rev. Jonas Rosa Murta

Pr. Vanildo Severiano

Demais membros:

Dr. Marinaldo Geremias
Pra. Aida Correa da Conceição
Dra. Thais N. de Araújo

Dr. Marcio Lima
Pr. Miguel Pereira Pinto
Dr. Zenóbio da Fonseca

“Procura apresentar a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar”

O Centro Interdenominacional de Teologia do Estado do Rio de Janeiro – CITERJ, nasceu do desejo de seus fundadores – *Edmilson Pereira Santana*, pastor, bacharel em Teologia pelo IBE em 2004 e licenciado em Teologia pelo IBADERJ em 2007. Graduado em teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia em 2011, pós graduado em Gestão Estratégia de Pessoas pela Universidade Estácio de Sá & Havard Business School, em 2019 e mestrando em Ciências da Religião pelo CITERJ ; *José Pedro de Assis*, (*In memorian*) pastor da Igreja Congregacional Missionária Ministério do Evangelho Integral em Inoã - Maricá - RJ, mestre em Ciências da Religião pelo Seminário Teológico Congregacional do Estado do Rio de Janeiro - SETECERJ, graduado em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF, pós-graduado em Ciências Políticas pela Universidade Metodista BENNETT - RJ e História do Brasil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e *Alanir Moraes*, pastor da igreja Metodista em Rio do Ouro SG-RJ, bacharel em Teologia pela Universidade Metodista BENNETT, com especialização em capelania pela Faculdade de Educação e Teologia - Faculdade Universal- FATUN-RJ, e pós-graduando psicanálise clínica, pela sociedade psicanalítica Brasileira.

Os três professores e homens de Deus acima desejavam implantar em sua comunidade um curso teológico de linha interdenominacional, emanados do desejo e paixão dos mesmos pelo estudo e ensino teológico.

Após diversas reuniões promovidas por eles, e reunindo os líderes de diversas igrejas da comunidade e adjacências, num espaço de aproximadamente quase dois anos, nasce o CITERJ.

O CITERJ surgiu em parceria com a AECB – Aliança Eclesiástica Congregacionalista Brasileira – um órgão já instituído há tempos, com intuito também em seu estatuto de organizar um seminário de estudos teológicos.

A diretoria do CITERJ é formada por um colegiado composto por 1 Diretor Geral, 1 Coordenador Pedagógico, 1 Coordenador Administrativo, 1 Coordenador de Pós-graduação e um Conselho Acadêmico formado por pastores de diversas igrejas e denominações.

Que Deus continue abençoando o propósito destes homens de Deus e os conduzam no caminho que devam andar. Que conservem a boa e correta interpretação das escrituras em seus ensinos por onde quer que o CITERJ chegue.

Deus abençoe.

Pr. Miguel Pereira Pinto

Presidente da AECB

SUMÁRIOS

ASSUNTOS	PÁG
Introdução ao livro do Apocalipse	06
Quem escreveu este livro?	08
Quando este livro foi escrito?	12
Para quem este livro foi escrito?	15
O Apocalipse e a literatura apocalíptica	17
Questões interpretativas (parte 01): Divisão básica e análise geral	20
Questões interpretativas (parte 02): Quais os caminhos alternativos para entendê-lo?	32
Questões milenistas do Apocalipse	39
Conclusão: Questões aplicativas - Qual é a sua mensagem e relevância para igreja atual?	43
Bibliografia	48

INTRODUÇÃO:

INTRODUÇÃO AO LIVRO DO APOCALIPSE

QUEM ESCREVEU ESTE LIVRO?

O Apocalipse foi escrito por alguém que se chamava João. Começa o livro dizendo que Deus enviou a seu servo João as visões que ele vai relatar (1:1). E quando se inicia a parte central do livro diz que é João quem dirige as cartas a sete Igrejas de Ásia (1:4). Refere-se a si mesmo como João, o irmão e companheiro de tribulações de seus destinatários e leitores (1:9). "Eu, João", diz, "vi e ouvi estas coisas." (22:8).

Este João era um cristão que vivia na Ásia Menor na mesma região das sete Igrejas às quais escreve cartas; e diz que ele também participa nas tribulações pelas que estão atravessando os crentes (1:9). Não está escrevendo de longe, está submerso na mesma situação que sofrem seus leitores.

Podemos afirmar com bastante segurança que era um judeu palestinese que tinha emigrado à Ásia Menor já adulto. Isto deduzimos pelo estilo clássico de grego que usa para escrever. É poderoso, vívido, carregado de imagens, mas do ponto de vista da correção gramatical e da sintaxe é o pior grego de todo o Novo Testamento. É evidente que o grego não era sua língua materna; muitas vezes fica evidente que está escrevendo em grego, mas pensa em hebreu.

Também é evidente que conhecia a fundo o Antigo Testamento. Cita o Antigo Testamento ou alude a ele 245 vezes. Estas citações e referências provêm de pelo menos 20 dos livros do Antigo Testamento, entre os quais os mais usados são Isaías, Daniel, Ezequiel, Salmos, Êxodo, Jeremias e Zacarias.

Não somente conhecia o Antigo Testamento, mas também tinha lido os escritos apocalípticos judeus, que se tinham escrito entre o Antigo e o Novo Testamento.

Afirma que é um profeta e é sobre este título que apoia seu direito a falar e sua autoridade. A ordem que recebeu diretamente do Cristo ressuscitado foi profetizar (10:11). É através do espírito da profecia que Jesus dá seu testemunho à Igreja (19:10). Deus é o Deus dos santos profetas e envia a seu anjo à Terra para mostrar a seus servos o que vai acontecer no mundo (22:6). O anjo lhe fala de seus irmãos, os profetas (22:9). Seu livro é caracteristicamente profético (22:7,10,18,19).

É em seu caráter de profeta que radica a autoridade de João. Não se chama apóstolo, como faz Paulo quando deseja sublinhar sua autoridade e seu direito a falar. João, o autor do Apocalipse, ao que parece, não possui uma dignidade eclesiástica nem exerce "posto" algum na estrutura da Igreja. Escreve o que vê; e visto que o que vê e ouve vem de Deus, sua palavra é fiel e verdadeira (1:11,19).

• Argumentos contra e a favor do Apóstolo João

Em parte alguma do Evangelho de João há alguma referência a João, filho de Zebedeu, o fiel discípulo e apóstolo de Jesus. De igual modo, as três epístolas atribuídas a João omitem o nome do discípulo amado, ainda que em duas delas o escritor se refira a si como "o ancião" (2 Jo 1 e 3 Jo 1). Poderíamos dizer que o autor exclui seu nome pessoal movido por modéstia, e refere-se a si apenas como "o ancião" em virtude de sua idade avançada. Mas no Apocalipse o autor não se arreceia de usar seu nome pessoal, pois ele se identifica quatro vezes como João (1.1, 4, 9; 22.8). Poderia uma e a mesma pessoa compor uma literatura de três gêneros diferentes: Evangelho, Epístola e Apocalipse? O vocabulário selecionado, a linguagem e a dicção do Evangelho e da Epístola são plenamente semelhantes, mas as do Apocalipse são completamente dessemelhantes dos demais escritos.

Quem é o autor do Apocalipse? O Novo Testamento cataloga pelo menos quatro pessoas com o nome João: João Batista, João, filho de Zebedeu, João, João Marcos (At 12.12) e João, pertencente à família do sumo sacerdote (At 4.6). O nome era comum no judaísmo, e em hebraico era Yohanan e em grego, Ioannes ou Ioanes. Poderia haver duas pessoas diferentes com o mesmo nome responsáveis pela composição da literatura joanina?

Os pais da igreja primitiva atribuíram o Livro do Apocalipse a João o apóstolo.

- Justino Mártir na primeira parte do segundo século (cerca de 135) escreveu: “Houve certo homem entre nós cujo nome era João, um dos apóstolos de Cristo, que profetizou, por meio de revelação que lhe foi feita.”
- O autor do Fragmento Muratoriano, datado de aproximadamente 175, atribuiu Apocalipse a João, a quem considerava ser o apóstolo.
- Cerca de 180, Irineu comentou que sabia de pessoas que tinham visto o autor do Apocalipse. Presume-se que as pessoas em quem ele pensava fossem Papias e Policarpo, discípulos do apóstolo João. Também faz menção de João como tendo escrito durante o reinado do imperador Domiciano (81-96).
- E Melito, bispo de Sardes e contemporâneo de Irineu, compôs um comentário não muito extenso sobre o Apocalipse de João.
- Escritores da primeira poucas décadas do terceiro século (Clemente de Alexandria, Tertuliano, Orígenes, Hipólito e Cipriota) deram a João o crédito da autoria do Apocalipse.

Em suma, a autoria joanina é forte desde os primeiros escritores do segundo século até a metade do terceiro. Naquela época, são insignificantes os ataques desferidos contra a integridade do Apocalipse, da parte de Alogi da Ásia Menor e dos seguidores de Gaio, em Roma.

• **A Contestação Da Autoria Joanina**

No terceiro século, Dionísio de Alexandria, que exerceu sua atividade desde 231 a 264, questionou a autoria solidamente estabelecida de João, o apóstolo. Ele viajou para Éfeso, onde ouviu acerca de dois túmulos que eram reivindicados como a sepultura de João. Ele concluiu que um deles pertencia ao presbítero João e o outro ao apóstolo do mesmo nome. Estudou o vocabulário escolhido, a dicção, o estilo e a linguagem do Apocalipse, comparou-o com o Evangelho e as Epístolas de João, e chegou à conclusão de que o autor deste livro não foi o apóstolo, e, sim, João o Ancião. Ele alega:

“Portanto, não contradirei que ele se chamava João e que este livro é de João. Porque inclusive estou de

acordo de que é obra de um homem santo e inspirado por Deus. Mas eu não poderia concordar facilmente em que este fosse o apóstolo, o filho de Zebedeu e irmão de Tiago...”

Mas os escritores nos primeiros séculos da era cristã nada sabiam de alguém chamado João o apóstolo, exceto o filho de Zebedeu. Além disso, o argumento de Dionísio é enfraquecido ainda mais em virtude de ter recebido a informação das duas sepulturas a partir de boatos.

Os pais da igreja primitiva são incapazes de confirmar que existisse uma pessoa chamada João, o Presbítero. Aliás, Dionísio expressa uma mera suposição: “Simplesmente creio que houve outro [João] entre aqueles que eram da Ásia.”

A guisa de contraste, cremos que a única pessoa chamada João, que podia falar às igrejas com a autoridade revelada no Apocalipse é João, o apóstolo de Jesus Cristo.

Já quase no fim do quarto século, Jerônimo atribui as últimas duas epístolas de João, não ao apóstolo, mas ao presbítero; não obstante afirma que o apóstolo escreveu ambos, o Evangelho e o Apocalipse. Além do mais, em sua idade avançada, João poderia ou identificar-se como sendo “o ancião” (ver 2Jo 1; 3Jo 1) ou usar seu nome como faz no Apocalipse. Ninguém além de João poderia reivindicar indisputada autoridade na igreja já quase no fim do primeiro século.

A crítica de Dionísio repousa principalmente em uma multiplicidade de pessoas chamadas João e uma notícia não confirmada acerca de duas sepulturas supostamente pertencentes a João.

• ***Evidência Interna da autoria joanina***

Três vezes no capítulo 1 (vv. 1, 4, 9), e uma vez no capítulo 22 (v. 8), o autor se identifica como se chamando João. Ele fala como uma pessoa com inquestionável autoridade, que é bem conhecida de todas as igrejas na província da Ásia (Turquia ocidental). Banido para a ilha rochosa de Patmos, a oeste da cidade portuária de Mileto (perto de Éfeso), o escritor usa simplesmente o nome João. Em seu banimento, ele escreve o último livro do cânon em um tipo aramaico de grego.

• **Mudança de idioma por causa da idade**

Se presumirmos que João escreveu sua obra já quase no final do reinado de Domiciano em 95, nossa dedução é que ele já era bem idoso. É possível que em sua velhice ele revertesse paulatinamente o uso de seu idioma pátrio, o aramaico. Quando as pessoas bilíngues ou multilíngues ficam idosas, às vezes voltam a falar seu idioma nativo. João não é exceção. Uma objeção a esta teoria é que o Evangelho de João e as Epístolas, compostos uns poucos anos antes ao Apocalipse. Notemos, porém, a diferença em gênero: o Evangelho é um relato ininterrupto da vida e ensinamentos de Jesus; o Apocalipse, porém, é um desvendamento de cenas celestiais.

• **Escrito do próprio punho**

Suspeitamos que em Éfeso, onde João compôs o Evangelho e as Epístolas, tivesse escribas aptos dando-lhe assistência. Empregar escribas na escritura de cartas e documentos era uma prática comum durante o primeiro século, porquanto Paulo e Pedro até mesmo mencionam nominalmente seus amanuenses: Paulo se refere a Tércio (Rm 16.22) e Pedro faz menção de Silas (1Pe 5.12). Mas, como no exílio João se encontrava sozinho e tinha que confiar em sua própria habilidade autoral, e assim escreveu em grego sem o auxílio de oradores nativos.

QUANDO ESTE LIVRO FOI ESCRITO?

Possuímos algumas fontes que nos permitem estabelecer a data do Apocalipse.

1) O relato sobre a forma em que se escreveu o livro segundo a tradição.

O Pai da Igreja Irineu, que foi discípulo de Policarpo que, por sua vez, foi discípulo do apóstolo João, viveu na Ásia Menor ainda na primeira metade do século II, tornando-se mais tarde bispo de Lyon, pressupôs, em seu escrito *Contra os Hereges*, que o Apocalipse era de conhecimento geral: “Na verdade, não faz muito tempo que ele (o Apocalipse) foi recebido em visão, foi quase ainda no tempo em que vivemos, pelo final do governo de Domiciano”.

Clemente diz que João, sendo exilado em Patmos, regressou a Éfeso “depois da morte do tirano.” E Orígenes declara: “O imperador dos romanos, como ensina a tradição, condenou a João à reclusão na ilha de Patmos.” No quarto século, porém, Eusébio e Jerônimo escreveram que João foi banido para Patmos durante o reinado de Domiciano. E Eusébio, citando Clemente de Alexandria – “Porque depois da morte do tirano ele [o apóstolo João] se transferiu da ilha de Patmos para Éfeso”, menciona Domiciano nominalmente no mesmo capítulo.

Vitorino, que escreveu pelo fim do terceiro século, afirma, em seu Comentário sobre o Apocalipse:

"João, quando viu estas coisas, estava na ilha do Patmos, condenado a trabalhar nas minas pelo imperador Domiciano. Ali, portanto, viu a revelação... Ao morrer Domiciano e ao revisar o Senado seus atos de governo, por causa de sua excessiva crueldade, João retornou a Éfeso, quando era imperador Nerva. Em 18 de setembro de 96, sua esposa mandou um velho escravo assassiná-lo no quarto de dormir. O Império respirou aliviado. O Senado decidiu maldizer solenemente sua memória, excluir seu nome de todos os escritos honoríficos, bem como destruir suas estátuas e seus altares. Eusébio diz: "O apóstolo e evangelista João relatou estas coisas às Igrejas, uma vez que teve retornado de seu ostracismo na ilha do Patmos, depois da morte do Domiciano."

A partir desta evidência não nos equivocaremos se datarmos o livro ao redor do ano 95 de nossa era.

- 2) A segunda linha de evidência é a que nos proporcionam os materiais que estão contidos no mesmo livro.

No Apocalipse nos encontramos com toda uma nova atitude para com Roma e o império Romano. Nos Atos dos Apóstolos o tribunal do magistrado romano era em geral o lugar mais seguro para o missionário cristão em apuros, fora para livrar-se do ódio dos judeus ou das iras das multidões avivadas.

Paulo estava orgulhoso de ser cidadão romano, e em mais de uma oportunidade reclamou o gozo dos direitos que lhe cabiam em tal condição. Veja-se Atos 16:36-40, 18:1-17; 19:13-41; 22:30-40; 23:12-31; 25:10-11. Quando

Paulo escreve aos romanos os exorta a obedecer às autoridades constituídas, porque estas tinham sido estabelecidas por Deus (Rm 13:1-7). A recomendação de Pedro é idêntica: Honrar ao imperador e temer a Deus é um dever cristão (1 Pe 2:12-17). Ao escrever aos Tessalonicenses é muito provável que Paulo afirme que Roma é o único poder que controla o caos, cuja ameaça pende sobre o mundo (2 Ts 2:7).

Mas no Apocalipse não encontramos senão um abrasado ódio para com Roma. Roma é Babilônia, a mãe das rameiras, bêbada com o sangue dos santos e os mártires (Ap 17:5-6). João espera com ansiedade a destruição total desta cidade e seu poder. Qual é a explicação desta forte mudança na atitude?

A resposta a encontramos no desenvolvimento do culto ao imperador; este e as perseguições que derivam dele são o pano de fundo do Apocalipse. Portanto, devemos ver o que era este culto do imperador, como ele surgiu; que coisas exigiam e como afetou a igreja Cristã.

Na época em que se escreveu o Apocalipse o culto ao imperador era a única religião que cobria a totalidade do império romano. Foi por causa da negativa dos cristãos a aceitar suas exigências que se começou a persegui-los e os assassinou em grandes quantidades. Uma vez por ano todas as pessoas que viviam no Império deviam comparecer perante os magistrados para queimar um pingo de incenso perante o busto do imperador e dizer: "César é o Senhor" (é Deus).

Depois de ter feito isto a pessoa podia ir ao templo que quisesse e adorar os deuses de sua preferência, sempre que sua religião não contradissera a decência e os bons costumes. Mas o primeiro era oferecer sua devoção ao imperador como deus. A razão deste culto era muito singela. Roma era um enorme império heterogêneo, que ia de um extremo a outro do mundo. Continha muitas línguas, raças, tradições, nações.

O caso era como fazer desta massa diversa algum tipo de unidade. Não há força unificadora tão poderosa como uma religião comum a todos. Nenhuma das religiões nacionais, nenhum dos deuses locais, teria podido converter-se numa realidade espiritual universal.

Mas era possível que todos adorassem ao imperador. Era a ação ritual comum e a crença comum que podia converter o Império numa unidade. Negar-se a queimar esse pingo de incenso e negar-se a dizer "César é o Senhor" não era um ato de irreligiosidade, mas sim um gesto subversivo de deslealdade política. Se alguém se negava a celebrar uma vez por ano esta cerimônia tão singela, os romanos não o consideravam ateu, mas sim um cidadão desleal e potencialmente rebelde.

É por isso que os romanos tratavam com grande severidade os que se negavam a dizer "César é o Senhor". E nenhum cristão teria podido ser persuadido de outorgar esse título, o de "Senhor", a outro senão a Cristo. Para o cristão e este era o centro e essência de seu credo Jesus Cristo, e somente Jesus Cristo, era o Senhor.

Este é o pano de fundo do Apocalipse. Em todo o Império os súditos de Roma deviam chamar Senhor e Deus a Domiciano. A alternativa era morrer. Não havia escapatória possível. O que podiam fazer os cristãos? Que esperanças tinham?

Não havia entre eles muitos que fossem sábios ou poderosos. Contra eles se levantou o poderio de Roma, que nenhum povo ou nação tinha podido resistir. Enfrentava-os uma opção absoluta: César ou Cristo. O Apocalipse foi escrito para nutrir a fé dos cristãos nessa situação.

Numa época de terror crescente João não fechou os olhos. Via coisas temíveis, mas antecipava coisas ainda mais temíveis. Mas por atrás de todos esses horrores via a bem-aventurança daqueles que resistissem a César por amor a Cristo.

O Apocalipse nos vem de uma das épocas mais heroicas na história da Igreja. É certo que Nerva, o sucessor do Domiciano (96-98), revisou as leis repressivas e as campanhas de perseguição de seu antecessor. Mas o dano já tinha sido feito; os cristãos eram uma comunidade fora da lei. E o Apocalipse é o clarim que chama os crentes a serem fiéis até a morte a fim de ganhar a coroa da vida.

- PARA QUEM ESTE LIVRO FOI ESCRITO?

João escreveu sete cartas a igrejas individuais sediadas na província da Ásia. A maior distância entre as sete cidades mencionadas, a saber, entre Pérgamo e Laodicéia, corresponde aproximadamente à linha reta entre Brasília e Goiânia (225 km).

Não obstante, as congregações de Colossos e Hierápolis (Cl 4.13) não são mencionadas, ainda quando estivessem localizadas na vizinhança de Laodicéia. Paulo passou algum tempo na cidade de Trôade (At 20.6; 2Co 2.12), contudo nenhuma carta é endereçada a esse lugar. Cerca de duas décadas depois que João escreveu o Apocalipse, Inácio de Antioquia escreveu cartas às igrejas já estabelecidas de Trales e Magnésia, na província da Ásia. Esperaríamos que essas igrejas já existissem próximo ao final do primeiro século, porém não são mencionadas no Apocalipse.

Por que somente sete igrejas estão em pauta? Só podemos presumir que as igrejas às quais João enviou as cartas são representantes da igreja universal de Jesus Cristo.

O conteúdo dessas cartas revela seu cenário e reflete o tempo em que foram compostas. Mesmo uma leitura cursiva deixa a impressão de que seus recipientes não constituíam a primeira geração de cristãos, mas a segunda. As condições nas sete igrejas dificilmente confirmam a noção de que fazia bem pouco tempo que as pessoas tinham recebido o evangelho.

Lemos de um abandono do primeiro amor, das práticas dos nicolaítas, da perseguição, do martírio, das doutrinas de Balaão, da tolerância de imoralidade sexual, do aprendizado dos profundos segredos de Satanás e de ser possuidor de riquezas terrenas. Aliás, o cenário dessas igrejas não comporta o que sabemos das igrejas fundadas e pastoreadas por Paulo na década de 50. Por exemplo, Paulo ministrou durante três anos (53-56) em Éfeso e escreveu epístolas a Timóteo, que era pastor ali na década de 60.

Nada em Atos ou nas epístolas de Paulo corresponde às condições prevaletentes na igreja de Éfeso quando João escreveu a epístola que Jesus ditou. Apostasia e fé em degenerescência tinham entrado em Éfeso e em outras igrejas.

Nem as epístolas pessoais endereçadas a Timóteo em meados da década de 60, nem as epístolas gerais de Pedro destinadas à mesma região nesse tempo refletem a situação descrita nas cartas de Jesus às igrejas na província da Ásia.

Paulo fez oposição aos judaizantes que entraram sorrateiramente nas igrejas que ele fundara, porém, as sete cartas do Apocalipse revelam vários adversários, inclusive os nicolaítas, os seguidores de Balaão e os seguidores de Jezabel. “Quando lemos as sete epístolas do Apocalipse, especialmente as últimas quatro, nos sentimos numa atmosfera diferente. O que agora se esforça para lograr plena vitória não é a mesquinhez do judaísmo, mas a imoralidade selvagem e profana do paganismo; e o cristão tem de vencer, não o judaísmo, mas o mundo em seu sentido amplo.”

Se optarmos por uma data precoce em prol do Apocalipse, encontraremos problemas em razão do material concreto apresentado em Atos e nas Epístolas de Paulo. Como já observamos, Paulo serviu à igreja de Éfeso em meados da década de 50, e Timóteo era pastor ali na primeira metade da década de 60. Falta-nos qualquer evidência de João ter sido pastor em Éfeso antes da hecatombe de Jerusalém; mas, mesmo que ele estivesse em Éfeso, seu tempo de serviço antes de seu exílio teria sido curto.

Em segundo lugar, as sete cartas às igrejas na província da Ásia parecem mostrar que João estava bem familiarizado com a condição espiritual de cada uma delas. Mas dificilmente parece possível que João estivesse ali só por um curto período, à parte da instrução de Jesus para que ele escrevesse essas cartas.

Em terceiro lugar, temos dúvida se João teria vindo a Éfeso na primeira parte da década de 60, porque, endereçando sua carta aos efésios em 62, Paulo não poderia ter deixado de mencionar a João e a incumbi-lo de sua obra. Em quarto lugar, em seus escritos, tanto Paulo quanto Pedro mantêm silêncio sobre os labores de João em Éfeso. Isso parece indicar que João não foi a Éfeso durante sua vida.

E, por último, Policarpo escreveu uma carta à igreja em Filipos e indica que, quando Paulo compôs sua carta canônica aos Filipenses em 62, o conhecimento de Cristo ainda não tinha entrado em Esmirna.

- O APOCALIPSE E A LITERATURA APOCALÍPTICA

O título deste livro em grego é *Apokalupsis* que significa “revelação”. Embora o Apocalipse seja único no Novo Testamento, representa, no entanto, um tipo de literatura que era comum no período entre os dois testamentos, chamado literatura *apocalíptica*.

Neste período cresceu uma grande massa de escritos apocalípticos resultado de uma esperança invencível e indestrutível. Por quê?

Os judeus não podiam esquecer que eram o povo eleito de Deus. Para eles este fato implicava na certeza de que algum dia chegariam à supremacia mundial. Algum dia seus inimigos seriam destruídos e eles chegariam à preeminência e à glória que lhes pertencia por direito. Em sua história primitiva esperavam o advento de um Rei, na linha de Davi, que reuniria à nação e os levaria a grandeza. Surgiria um renovo do ramo de Jessé (Is 11:1-10). Deus levantaria um rebento justo na descendência de Davi (Jr 23:5). Davi seria seu pastor e seu rei (Ez 34:23; 37:24). O tabernáculo de Davi seria reparado (Amós 9:11); desde Belém viria um governante que seria grande até os limites da Terra (Mq 5:3-5).

Mas toda a história de Israel desmentia suas esperanças, pois depois da morte de Salomão, o reino, que já era bastante pequeno, dividiu-se entre Roboão e Jeroboão. Deste modo perdeu sua unidade. O reino do Norte, com seu capital na Samaria, desvaneceu-se pelo fim do oitavo século, frente ao ataque dos assírios, e nunca mais voltou a reaparecer na história, constituindo agora o que se denominam "as dez tribos perdidas de Israel". O reino do Sul, com sua capital em Jerusalém, foi reduzido à escravidão e o exílio pelos babilônios na primeira parte do século VI a.C. Tornaram-se mais tarde um estado vassalo dos persas, dos gregos e dos romanos. A história, para os judeus, era um catálogo de desastres, a partir do qual lhes fez evidente que nenhum libertador humano poderia resgatá-los.

Diante disso os judeus tiveram que adaptar a convicção de povo escolhido com a realidade da situação histórica presente. Assim os judeus dividiram a história em duas épocas: Aera presente e a era povir.

A era presente é totalmente má; não tem esperança; não pode reformar-se; para ela não há outro futuro senão a destruição total. Os judeus, portanto, esperavam o fim das coisas tal como eram. A era por vir seria totalmente santa e justa; seria a era dourada de Deus; nela haveria paz, prosperidade e justiça; nela, por fim, o povo escolhido de Deus seria vindicado e receberia o lugar que lhe correspondia por direito.

A pergunta evidente era como se transformará a era atual no mundo por vir? Para os judeus a solução não estava nas mãos dos homens, mas o próprio Deus deveria intervir com sua mão poderosa impetrando a justiça sobre os pecadores, eliminando de forma catastrófica o mal do mundo e estabelecendo um tempo de justiça e paz. Este dia chamaria O dia do Senhor. Não para concertar o que estava errado, mas para eliminar e estabelecer outra era.

Toda literatura apocalíptica trata destes atos. A situação calamitosa presente. As ações divinas julgadoras na história e a constituição de uma nova ordem.

Compõe-se integralmente de sonhos e visões com relação ao fim. Isto significa que toda a literatura apocalíptica é necessariamente crítica. Somente pode falar em símbolos e imagens. Tenta comunicar em termos humanos coisa que nenhum olho viu e nenhum ouvido ouviu e que nunca estiveram presentes nos corações e nas mentes dos homens. A literatura apocalíptica é um esforço por descrever o indescritível, dizer o inexprimível, pintar o que não pode reproduzir-se porque não há modelo na experiência de ninguém!

Mas há ainda uma questão muito importante. Era esperado que mensagens como estas, inflamassem um espírito dos que viviam sob condição opressora. E, quanto pior era a situação, maior era o desejo de justiça e destruição sobre os opressores e o mal.

Agora. Imagine como pioraria a situação se, literaturas como estas chegassem à mão desses opressores e eles pudessem compreender seu conteúdo e mensagem. Exatamente por isso a maioria desses livros estava escritos em código; escolhia-se deliberadamente uma linguagem que fosse indecifrável para os não iniciados. Em muitos casos até nosso dia seguem sendo indecifráveis, porque não conhecemos a chave e está já não existe. Mas também é um fato que quanto mais saibamos sobre o pano de fundo histórico e a situação em que foram escritos

esses livros, mais fácil nos resultará sua interpretação e a árdua tarefa de desenterrar seu significado.

O nosso Apocalipse

Tudo o que se tem dito descreve de maneira precisa o Apocalipse. Há muitos apocalipses judeus: Enoque, Os Oráculos Sibílicos, Os testamentos dos doze patriarcas. A Ascensão de Isaías, A Assunção de Moisés, O Apocalipse de Baruque, O Quarto Esdras, etc. Nosso Apocalipse é um apocalipse cristão, o único que aparece no Novo Testamento (ainda que houvesse outros, que não foram admitidos no cânon). Está escrito totalmente sobre o esquema judeu; segue a concepção básica das duas idades.

O apocalipse igualmente fala do tempo presente como condenada a destruição e também fala da era por vir de novos céus e nova Terra, quando Deus tiver feito novas todas as coisas. A única diferença é que em vez de falar do dia do Senhor nosso apocalipse refere-se à Vinda de Cristo em poder.

Estas são semelhanças. Porém, há diferenças?

Havia uma diferença bem real entre os profetas e os apocalípticos. Tem a ver tanto com a mensagem como com o método.

- 1) O profeta pensava em termos deste mundo. Sua mensagem em geral era uma reclamação por justiça na área econômica, social ou política; sua mensagem sempre era um chamado aos homens para que obedecessem a Deus e o servissem neste mundo. Para o profeta era este mundo aquele que devia ser reformado e recriado; era neste mundo que ultimamente se cumpriria a vontade de Deus e viria o Reino. Foi-lhe dito de outro modo que, de qualquer maneira, significa o mesmo: o profeta cria na história. Cria que nos acontecimentos da história, dentro do tempo e no mundo, à vontade e o propósito de Deus estavam realizando-se sob a direção divina. Num certo sentido o profeta era um otimista, pois mesmo quando condenava o estado presente das coisas, cria que estas podiam ser melhoradas, aceitando os homens à vontade e os mandamentos de Deus.

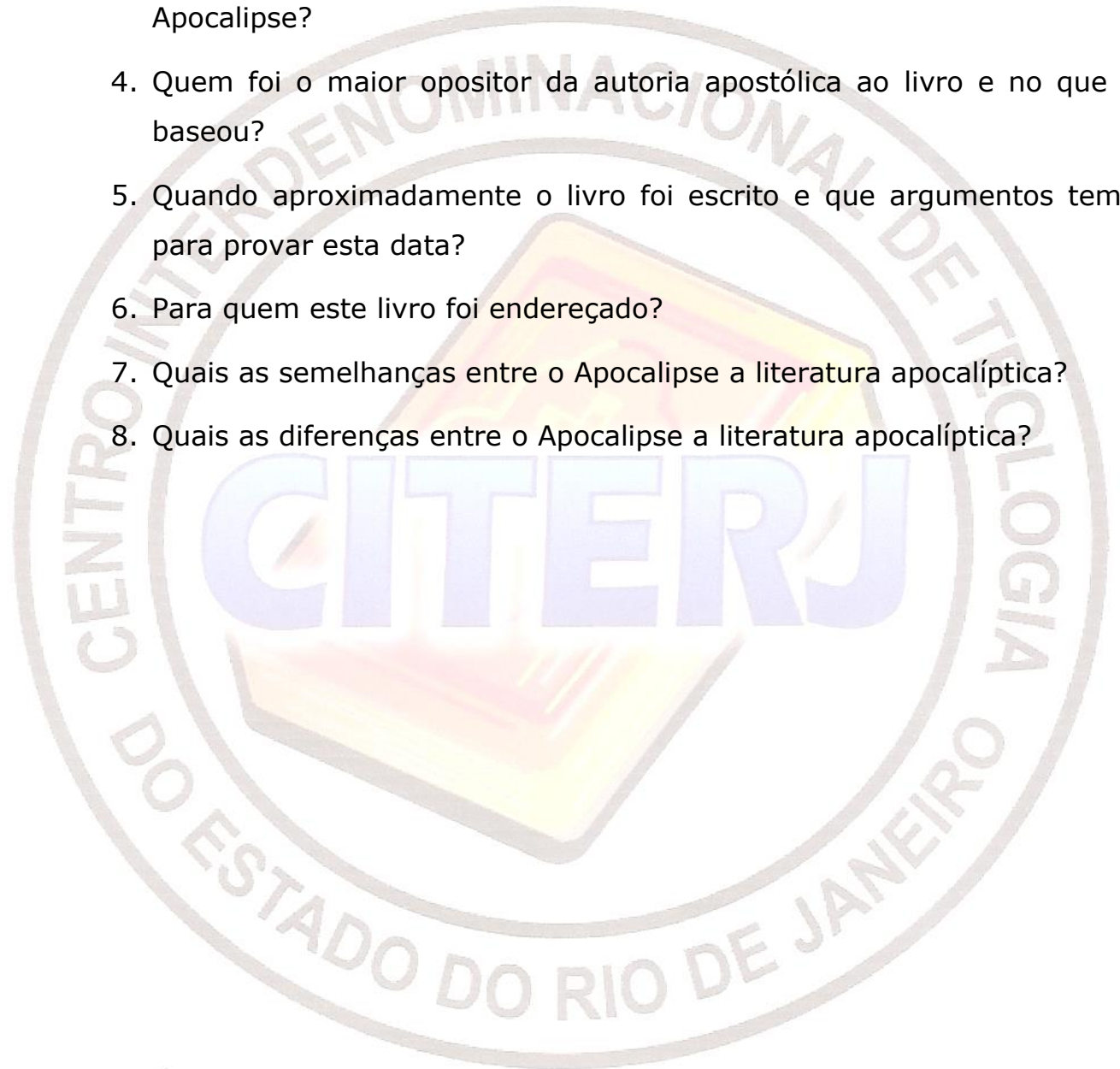
Mas para o apocalíptico o mundo estava mais além de toda possibilidade de remendo; estava totalmente entregue ao mal e o dominava o mal. O apocalíptico cria na dissolução deste mundo, não em sua reforma. Não esperava que este mundo fora recriado, mas na criação de um novo mundo, quando o mundo velho fosse feito em pedaços pela ira vingadora de Deus.

Num certo sentido, então, o apocalíptico era um pessimista, porque não cria que pudesse curar a presente enfermidade do mundo. É certo que estava seguro da idade de ouro por vir, mas tal coisa era só depois da destruição total de tudo o que conhecemos.

- 2) A mensagem dos profetas era falada; era comunicada de boca ao ouvido; o profeta enfrentava aos homens com uma mensagem da parte de Deus, assumindo pessoalmente a responsabilidade pelo que dizia. A mensagem do apocalíptico sempre era entregue em forma escrita. A apocalíptica era um gênero literário. Se a tivesse transmitido verbalmente ninguém teria entendido nada. É difícil, complicada, muitas vezes ininteligível; deve ser analisada e pensada muito bem no gabinete de estudo antes de poder compreendê-la. Por outro lado, o profeta sempre falou em seu próprio nome; todos os escritos apocalípticos, exceto o Apocalipse que encontramos no Novo Testamento, são pseudônimos; quer dizer, estão escritos sob nomes assumidos que ocultam a verdadeira identidade do autor. Era posto, em geral, na boca das grandes personalidades do passado, de maneira tal que aparecessem como palavras de Noé, Enoque, Isaías, Moisés, os Doze Patriarcas, Baruque. Há algo de patético em tudo isto. Os homens que redigiram os escritos apocalípticos sentiam que já não havia grandeza possível neste mundo; desconfiavam de si mesmos até o ponto de não assinar suas obras com seus verdadeiros nomes; os atribuíam às grandes figuras do passado, como se ao agir desse modo pudessem conferir-lhes uma autoridade que eles mesmos jamais chegariam a possuir.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. Cite 5 características do autor de Apocalipse.
2. Quais os argumentos contra a autoria de João o apóstolo para o Apocalipse?
3. Quais os argumentos a favor a autoria de João o apóstolo para o Apocalipse?
4. Quem foi o maior opositor da autoria apostólica ao livro e no que se baseou?
5. Quando aproximadamente o livro foi escrito e que argumentos temos para provar esta data?
6. Para quem este livro foi endereçado?
7. Quais as semelhanças entre o Apocalipse a literatura apocalíptica?
8. Quais as diferenças entre o Apocalipse a literatura apocalíptica?



QUESTÕES INTERPRETATIVAS (PARTE 1)

Divisão Básica e Análise Geral

A primeira divisão básica de Apocalipse é dupla: “*Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas*”. (Ap 1.19)

• As Sete Seções Paralelas

As coisas que são

1. Cristo no meio dos candeeiros (1.1-3.22)

A figura interna central dos três primeiros capítulos do Apocalipse parece ser Cristo no meio dos sete candeeiros de ouro. Esses candeeiros representam as sete Igrejas (1.20). A cada Igreja João é levado a escrever uma carta (ver capítulos 2 e 3). Como esse número sete ocorre muitas vezes no Apocalipse, e é em todo lugar um símbolo daquilo que é completo, podemos ter com segurança, que esse é o caso aqui, e que ele indica a Igreja toda através de todo o espectro de sua existência até o próprio fim do mundo.

Interpretada cada Igreja em particular é, por assim dizer, um tipo, não indicando um período definido da História, mas descrevendo condições que são constantemente repetidas na vida de diversas congregações. Isto se torna muito mais verdadeiro quando lembramos que João diz frequentemente: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (2:7,11,17,29; 3:6,13,22). Assim, essa seção parece perpassar toda a dispensação, da primeira vinda de Cristo para salvar seu povo (1.5) à sua segunda vinda para julgar todas as nações (1.7).

Na Carta aos Romanos aparece uma apresentação completa e ordenada da mensagem de Paulo. Depois de saudar os leitores e falar do seu grande desejo de conhecê-los pessoalmente, Paulo anuncia a doutrina básica: o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todos os que o aceitam, pois “o evangelho mostra como é que Deus nos aceita: é por meio da fé, do começo ao fim” (1.16-17).

R.N. Champlin apresenta um quadro que chama de telescópio da era da igreja, dando a interpretação de que as sete igrejas representam não a igreja em sua totalidade universal, mas em seu decurso histórico: **Éfeso** - A Era apostólica; **Esmirnar** - A era das perseguições (até 316); **Pérgamo** - A era de favor imperial (317-500); **Tiatira** - A era negra (500 - 1500); **Sardes** - Tempo da Reforma (1500 -1700); **Filadelfia** - A era das missões modernas (1700 -1900); **Laodicéia** - A era da igreja apóstata (1900).

Mas, embora este esquema seja muito bem-organizado e tentadoramente atraente, é improvável seja plenamente verdadeiro, pois tanto na época de João (as coisas que são) quanto em nossa época, encontramos as características das igrejas supracitadas. Mesmo assim é possível enxergar muitas relações com a história da igreja.

As coisas que não de ser

2. A visão do céu e dos selos (4.1-7,17)

Os capítulos 4-7 constituem a próxima divisão natural do livro. O capítulo 4 descreve aquele que está sentado no trono e a adoração daqueles que o cercam. Na mão direita do Senhor há um livro selado com sete selos (5.1). O Cordeiro toma esse livro e recebe adoração. Do capítulo 6 aprendemos que o Cordeiro abre os selos um a um. Entre o sexto e o sétimo selo temos a visão dos cento e quarenta e quatro mil que foram selados e da incontável multidão postada ante o trono.

Deve-se notar cuidadosamente que essa seção também cobre todo o período, da primeira à segunda vinda de Cristo. A primeira referência a Cristo retrata-o como tendo sido imolado, e, agora, como governando dos céus (5.5, 6). Próximo do fim dessa seção é apresentado o juízo final. Observe a impressão da segunda vinda sobre os não crentes: "...e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondi-nos da face daquele que se assenta no trono, e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande dia da ira deles; e quem é que pode suste-se?" (6.16,17). Agora, observe a bem-aventurança dos crentes: "Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima" (7.16, 17).

Esse é um retrato da Igreja triunfante toda, ajuntada de todas as nações e assim, em sua inteireza, prostada diante do trono e diante do Cordeiro um ideal que não é entendido até o dia da grande consumação. Temos, assim, perpassado toda a era do evangelho.

3. *As sete trombetas (8.1-11.19)*

A seção seguinte consiste dos capítulos 8-11. Seu tema central é: as sete trombetas que afetam o mundo. O que acontece com a Igreja é descrito nos capítulos 10 e 11 (o anjo com um pequeno livro, as duas testemunhas). Também, no fechamento dessa seção há uma clara referência ao juízo final. "O sétimo anjo tocou a trombeta e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo tornou-se de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos... Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, assim aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra" (11.15, 18). Tendo alcançado o fim deste período, termina a visão.

4. *O dragão perseguidor (12.1-14.20)*

Tudo isso nos leva aos capítulos 12-14: A mulher e o "filho varão" perseguidos pelo dragão e seus auxiliares. Essa seção também cobre toda a dispensação. Começa com uma clara referência ao nascimento do Salvador (12.5). O dragão ameaça devorar o filho varão. O filho é carregado para Deus e para o seu trono. O dragão, agora, persegue a mulher (12.13). Como seus agentes, ele utiliza a besta que vem do mar (13.1), a besta que vem da terra (13.11,12) e a grande meretriz, Babilônia (14.8). Essa seção, também, termina com uma inspiradora descrição da segunda vinda de Cristo, para julgamento: "Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma espada afiada ... E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada" (14.14,16).

5. *As sete taças (15.1-16.21)*

A seção seguinte compreende os capítulos 15 e 16, e descreve as taças de ira. Aqui, também, temos uma referência clara ao juízo final e aos eventos que ocorrerão em conexão com ele. Assim, lemos em 16.20: "Toda a ilha fugiu e os montes não foram achados".

6. *A queda da Babilônia (17.1-19.21)*

A seguir vem uma descrição vívida da queda da Babilônia e a punição infligida sobre a besta e o falso profeta. Observe a figura de Cristo vindo para julgar (19.11ss.). "Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro, e julga e peleja com justiça".

7. *A grande consumação (20.1-22.21)*

Isso nos leva à seção final, capítulos 20-22, pois Apocalipse 20.1 definitivamente começa uma nova seção e introduz um novo assunto. Esse novo assunto é a condenação do diabo. Uma comparação, sobretudo, com o capítulo 12 revela o fato de que, ao início do capítulo 20, estamos mais uma vez no limiar de um novo período. Enquanto em 12.9 nos é dito que, em conexão com a ascensão e a coroação de Cristo, o diabo é lançado à terra, aqui em 20.2, 3, lemos que ele é preso por "mil anos", sendo depois lançado no abismo. Os mil anos são seguidos por um tempo curto durante o qual Satanás é solto de sua prisão (20.7). Isso, por sua vez, é seguido da descrição da derrota final de Satanás em conexão com a vinda de Cristo para julgamento (20.10, ss.). Nessa vinda, o presente universo, passando, deixa lugar para os novos céus e a nova terra, a nova Jerusalém (20.ss.).

Uma leitura cuidadosa do livro do Apocalipse mostra claramente que o livro consiste em sete seções, e que essas sete seções correm paralelas umas às outras. Cada uma delas abarca todo o período, da primeira à segunda volta de Cristo. Esse período é visto ora de uma perspectiva, ora de outra.

Estrutura do livro

Agora, como a compreender a forma em que o Apocalipse é organizado? Ou seja, como o autor intencionou organizar o material do seu livro para que seus leitores pudessem compreender sua mensagem?

Existem duas correntes prevaletentes para entender a estrutura do Apocalipse. Uma chama-se visão linear e a outra visão cíclica. Conseguimos enxergar uma estrutura básica sustentada por 7 selos, 7 trombetas e 7 taças. Estes três pilares são intercalados por introduções, peças intermediárias, apêndices e conclusões.

Estes são os materiais que temos no livro:

- I. O PREFÁCIO DO APOCALIPSE 1.1-20
- II. AS MENSAGENS ÀS IGREJAS 2.1-3.22
- III. DEUS E O CORDEIRO SOBRE O TRONO 4.1-5.14

A ABERTURA DOS 7 SELOS PELO CORDEIRO 6.1-8.1

1. O primeiro Selo (Primeiro Cavaleiro), 6.1,2
2. O segundo Selo (Segundo Cavaleiro), 6.3,4
3. O terceiro Selo (Terceiro Cavaleiro), 6.5,6
4. O quarto Selo (Quarto Cavaleiro), 6.7,8
5. O quinto Selo, 6.9-11
6. O sexto selo, 6.12-17

➤ **Peça intermediária: O povo de Deus no começo e depois da tribulação, 7.1-17**

7. O sétimo selo, 8.1

OS TOQUES DAS 7 TROMBETA DOS 7 ANJOS 8.2-11.19

➤ **Prelúdio no céu: As orações dos santos, 8.2-6**

1. O primeiro toque de trombeta, 8.7
2. O segundo toque de trombeta, 8.8,9
3. O terceiro toque de trombeta, 8.10,11
4. O quarto toque de trombeta, 8.12
5. O anúncio dos três ais e o quinto toque de trombeta (O primeiro ai), 8.13-9.12

6. O anúncio dos dois ais seguintes e o sexto toque de trombeta (O segundo ai), 9.13-21

➤ **Grande peça intermediária na série de trombetas, 10.1–11.13**

7. O anúncio do terceiro ai e o sétimo toque de trombeta, 11.14-19

➤ **Primeiro apêndice às visões das trombetas: O DRAGÃO E SUA LUTA 12.1–13.18**

➤ **Segundo apêndice às visões das trombetas: OS ABRIGADOS JUNTO DO CORDEIRO: CENTO E QUARENTA E QUATRO MIL 14.1-5**

➤ **Terceiro apêndice às visões das trombetas: O SURGIMENTO DO JUIZ EMMEIOS AOS SEUS ANJOS 14.6-20**

1. O primeiro anjo, 14.6,7

2. O segundo anjo, 14.8

3. O terceiro anjo, 14.9-11

4. Exortação à igreja, 14.12,13

5. A manifestação do Filho do Homem (e o quarto anjo), 14.14-16

6. A lagaragem da terra (o quinto e o sexto anjo), 14.17-20

O DERRAMAMENTO DAS 7 TAÇAS PELOS 7 ANJOS 15.1–16.21

➤ **Cena preliminar no céu: O cântico dos vencedores, 15.1-8**

1. A transição e a primeira taça, 16.1,2

2. A segunda taça, 16.3

3. A terceira taça e dois louvores vindos do céu, 16.4-7

4. A quarta taça, 16.8,9

5. A quinta taça, 16.10,11

6. A sexta taça, 16.12-14,16

➤ **Uma exclamação intercalada, 16.15**

7. A sétima taça, 16.17-21

- **Primeiro apêndice às visões das taças: O JUÍZO SOBRE A PROSTITUTA BABILÔNIA 17.1–19.10**
- **Segundo apêndice às visões das taças: A ABERTURA DO CÉU (a parusia) 19.11–21.8**
- **Terceiro apêndice às visões das taças: A NOIVA DO CORDEIRO A NOVA JERUSALÉM 21.9–22.5**
- **Introdução da nova visão, - O aspecto geral da cidade, 21.14-22.5**

Epílogo: A PALAVRA FINAL DO APOCALIPSE 22.6-21

1. A autoridade do livro, 22.6-9
2. A atualidade do livro, 22.10-17
3. A validade canônica do livro, 22.18-20
4. Encerramento de cunho epistolar, 22.21

Agora; como ele foi intencionalmente organizado? Devemos entender os selos, as trombetas e as taças como eventos sucessivos ou descrições diferentes de um mesmo evento?

Visão linear ou progressiva

Os capítulos seguintes (6 - 16) apresentam três séries de sete pragas em cada série: selos, trombetas e taças. Alguns intérpretes opinam que o cumprimento das mesmas será consecutivo. Assim, as pragas das trombetas sucederão depois de terem ocorrido as pragas dos selos, e as pragas das taças depois das pragas das trombetas. A segunda vinda de Cristo e a batalha de Armagedom formariam o ponto culminante. Segundo esse esquema, as trombetas constituem o sétimo selo; e as taças constituem a sétima trombeta; e a parousia (segunda vinda de Cristo) e a batalha do Armagedom constituem a sétima taça.

Visão cíclica ou paralela

Porém, o fato que o conteúdo da sétima ocorrência de cada uma dessas séries é praticamente idêntico em todos os casos parece indicar um ponto final - trovões, relâmpagos, um terremoto e várias indicações sobre a chegada do fim - sugere que os selos, as trombetas e as taças são paralelos, pelo menos em parte, quanto ao seu cumprimento. Assim, as pragas dos selos seriam espalhadas por todo o período da tribulação, as pragas das trombetas se concentrariam na parte final desse período, e as pragas das taças se acumulariam no fim mesmo do período, e, dessa forma, a sétima ocorrência de cada uma das três séries seria idêntica, conduzindo diretamente à "parousia".

As diferenças entre eles é que o método progressivo, também chamado sucessivo ou linear, apresenta um desenvolvimento contínuo do princípio ao fim do Apocalipse. O método cíclico, comumente conhecido como a teoria da recapitulação, visualiza o conteúdo do livro de várias perspectivas, e realça seus segmentos paralelos. A primeira abordagem interpreta o livro literalmente, até onde isso é possível; a segunda abordagem apresenta uma interpretação figurativa.

As características de cada grupo de sete

Os sete Selos - Em sua maior parte, o conteúdo dos selos parece originar-se da depravação dos homens:

- Selo 1: militarismo, talvez por parte do ímpio Anticristo, que dominará durante o período da tribulação;
- Selo 2: guerra, resultante do militarismo;
- Selo 3: fome, resultante da guerra;
- Selo 4: morte, resultante da fome e de outras devastações da guerra (os quatro primeiros selos retratam os famosos "Quatro Cavaleiros do Apocalipse").
- Selo 5: perseguição aos santos e seu martírio (temos aqui a última geração da Igreja, conforme postulam os pós-tribulacionistas; mas

haveria aqui a menção a outros que se voltaram para Deus, após o arrebatamento da Igreja, segundo os pré-tribulacionistas);

- Selo: 6: os fenômenos celestiais, que Jesus predisse para imediatamente antes de Sua volta (vide Marcos 13:24-26; Mateus 24:29,30 e Lucas 21:25-27);
- Selo 7: silêncio nos céus, trovões, relâmpagos e um terremoto. (Ler Apocalipse 6:1 - 8:5.)

As sete Trombetas

As trombetas parecem anunciar primariamente a atividade satânica e demoníaca:

- Trombeta 1: saraiva, fogo (ou relâmpagos) e sangue, o que resultará na consumação de uma terça parte da terra;
- Trombeta 2: lançamento de um vulcão em erupção ("grande montanha ardendo em chamas") no mar, com o resultado que a terça parte do mar se transformou em sangue ao mesmo tempo que pereceram uma terça parte da vida marinha e dos navios que navegavam nos oceanos;
- Trombeta 3: a queda de um meteorito, descrito como uma estrela ardente chamada "Absinto", em uma terça parte do suprimento de água potável (rios e fontes de água), tornando-a amargosa e venenosa, em razão do que muitas vidas se perderam;
- Trombeta 4: escurecimento do Sol, da lua e das estrelas em um terço de seu resplendor;
- Trombeta 5: abertura do abismo por parte de uma estrela (provavelmente Satanás) caída dos céus à terra, do que resultou o tormento demoníaco imposto a seres humanos, esses demônios se assemelhavam a gafanhotos e eram dotados de caudas como os escorpiões;
- Trombeta 6: uma outra praga, na qual cavaleiros demoníacos fazem sucumbir uma terça parte da humanidade;

- Trombeta 7: os reinos deste mundo tornam-se o reino de Cristo, com relâmpagos, trovões, um terremoto e a chegada do tempo para impor o julgamento e doar os galardões. É evidente que muito da linguagem usada nessas descrições tem por escopo ser entendido simbolicamente.

Não obstante, a linguagem simbólica transmite verdades literais, pelo que o intérprete deve evitar a exagerada espiritualização. A montanha ardendo em chamas, ou vulcão, e a estrela ardente, ou meteorito, mui provavelmente alude a anjos caídos, quiçá o próprio Satanás, tal como se dá também no caso da estrela caída dos céus à terra, quando da sexta trombeta. Satanás e as suas hostes demoníacas extravasam a sua ira sobre a terra de maneira que nos são impossíveis antecipar com certeza. Ler Apocalipse 8:6 - 11:19.

As sete Taças

João afirma explicitamente que as taças representam pragas originadas na cólera de Deus, provavelmente concentradas todas nos momentos finais da tribulação ("os sete últimos flagelos, pois com estes se consumou a cólera de Deus", 15:1):

- Taça 1: úlceras malignas;
- Taça 2: transformação do mar em sangue, resultando na morte de toda a vida marinha (uma intensificação da praga anunciada pela segunda trombeta);
- Taça 3: todos os rios e fontes de água são transformados em sangue (intensificação da terceira trombeta);
- Taça 4: calor escaldante;
- - Taça 5: trevas e dores;
- - Taça 6: convocação das hordas provenientes do Oriente para a batalha de Armagedom, com a convergência das nações gentílicas na direção da Palestina, ou para combaterem unidas contra Israel ou para se digladiarem entre si, visando a Palestina como a sua presa, mas Cristo voltará a fim de livrar Israel no último instante;

- Taça 7: "Está feito", um terremoto, trovões, relâmpagos e a derrocada das potências pagãs. (Ler Apocalipse 15 e 16.).

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. Quais foram os elogios de Cristo as sete igrejas da Ásia?
2. Quais foram as críticas de Cristo as sete igrejas da Ásia?
3. Quais as críticas citadas por Cristo que se assemelham aos problemas da igreja de hoje?
4. Quais as qualidades citadas por Cristo que podem ser encontradas nas igrejas de hoje?
5. Qual é a divisão básica do Apocalipse?
6. Explique a visão linear do livro?
7. Explique a visão cíclica do livro?

QUESTÕES INTERPRETATIVAS (PARTE 2)

Quais os caminhos alternativos para entendê-Lo?

Há basicamente quatro métodos de interpretação: preterista, historicista, futurista e idealista. Alguns intérpretes se acomodam a uma combinação de dois ou mais pontos de vista, e argumentam que João escreveu a seus contemporâneos, aos crentes de todas as épocas e aos que estarão presentes na Segunda Vinda de Jesus. Consideremos esses quatro pontos de vista em separado e em profundidade.

A. Preterista

O título preterista é uma combinação das duas palavras latinas *pretere* (passado) e *ire* (ir), significando aquilo que já passou, isto é, pertence ao passado. Em conformidade com esse ponto de vista, tudo o que está registrado no Apocalipse já se cumpriu no primeiro século, tempo em que João escreveu este livro. Os preteristas ensinam que o simbolismo contido no Apocalipse representa eventos históricos que se concretizaram durante a segunda metade do primeiro século; o Livro do Apocalipse se relaciona com aquilo que ocorreu no passado, porém não tem referência ao presente e ao futuro.

É preciso fazer distinção entre uma ala direita e uma ala esquerda da escola preterista. A ala direita ensina a inspiração do Apocalipse e assim tem uma visão elevada da Escritura; enquanto a ala esquerda rejeita a inspiração deste último livro da Bíblia. Os da ala direita afirmam que a maior parte do Apocalipse já se cumpriu nos dias do império romano do primeiro século. Os preteristas “veem o Apocalipse como um livro restrito aos dias de perseguição na Ásia Menor, porém sentem que ele contém apenas, pelo menos em grande extensão, um interesse literário pelas pessoas de nosso tempo.” E a ala esquerda põe o Apocalipse no mesmo nível de qualquer outro apócrifo ou apocalipse pseudepigráfico.

Em suma, os preteristas ou negligenciam ou ignoram o elemento preditivo, pois seu enfoque se volta inteiramente para os eventos históricos do primeiro século.

As objeções ao ponto de vista preterista são estas: Primeiro, ainda que os preteristas digam que a mensagem do Apocalipse pode ser aplicada a qualquer época ou geração, fracassam em apreciar o progresso existente neste livro. O Apocalipse pinta progresso nos eventos preditivos que eventualmente culminam na vinda do Juiz juntamente com juízo sobre todas as pessoas. Isso esclarece os relatos dos sete selos, das sete trombetas e das sete taças. É difícil ver que a sequência progressiva em cada um desses perfis tenha referência somente aos eventos contemporâneos da última metade do primeiro século.

Em segundo lugar, o ponto de vista preterista comunica o pensamento de que a mensagem do Apocalipse tinha significação primária para os crentes do primeiro século; daí, para os crentes de eras subsequentes, esta mensagem tem importância apenas secundária. Os cristãos perseguidos dos dias de Nero receberam palavras de conforto vindas do Apocalipse de João, quando ouviam o Cristo vitorioso falar-lhes diretamente. Mas a igreja universal ao longo do tempo cósmico também ouviu essa mesma voz de Cristo falando-lhes diretamente em suas circunstâncias pessoais. De igual modo, Paulo escreveu suas epístolas a igrejas e indivíduos específicos, mas a mensagem dessas cartas é tão relevante à igreja do mundo inteiro hoje como o era para os cristãos nos meados do primeiro século.

Em terceiro lugar, os preteristas identificam a besta do Apocalipse 13 com o imperador Nero, especialmente no que respeita ao número 666 no versículo 18 desse capítulo. Mas a soletração desnatural do nome Neron requerida no hebraico para completar esse número continua sem convencer. Sem dúvida que João estava plenamente familiarizado com a perseguição sob Nero, porém limitar a perseguição só a um imperador em um período particular na história parece irreal.

Por fim, as sete cartas às sete igrejas na província da Ásia deixam a impressão distinta que Jesus falava à segunda geração, ou mesmo à terceira, de cristãos apóstatas. Se, como dizem os preteristas, o Apocalipse foi escrito em cerca de 65, então a carta à igreja em Éfeso (Ap 2.1-7) revelaria sincera devoção ao Senhor. Esse não é o caso. A guisa de contraste, tanto Efésios quanto 1 Timóteo refletem problemas, porém os de uma igreja em franco crescimento e desenvolvimento.

B. Historicista

O Apocalipse, segundo a visão histórico-contínua, apresenta um conciso esboço do desenvolvimento da igreja desde o dia de Pentecostes até a consumação. A história secular e a história religiosa são entrelaçadas, e os proponentes têm tentado interpretar os eventos de seu próprio período na história como preditos no Apocalipse. Henry Barclay Swete cataloga uns poucos exemplos de eras passadas nas quais escritores tentaram encontrar correspondência entre o Apocalipse e os eventos em seus próprios dias. Assim, no final do século doze Joachim de Fiore, que morreu em 1202, considerava a besta emergida do mar (13.1) como sendo o Islã, o qual foi fundado pelas Cruzadas. Para ele, Babilônia era a Roma profana, e identificou algumas das sete cabeças da besta (17.9, 10) com governantes de seu tempo. Mais de um século depois, Francisco de Paris via o Anticristo como um pseudo-papa.

Os reformadores do século dezesseis identificaram o papa e o papado com o Anticristo. Tanto Martinho Lutero quanto seu amigo reformador João Calvino não hesitaram em chamar o papa o Anticristo.

Contudo outros consideram o Apocalipse como um calendário de eventos que começa com o tempo de João na ilha de Patmos em 96. Designando os sete selos e as sexta trombeta à igreja primitiva e à Idade Média, entendem Apocalipse 10 e 11 como sendo o tempo da Reforma e aplicam a mensagem da sétima trombeta à igreja verdadeira. As duas bestas do capítulo 13 são o papa e o poder papal, as sete pragas se cumpriram na Revolução Francesa e nas convulsões sociais, e a destruição de Babilônia é a queda do papado.

As variações quanto método de aplicar a mensagem do Apocalipse à história são numerosas e por si mesmas se destroem.

Estas são as objeções feitas a este ponto de vista histórico: Em primeiro lugar, o texto do Apocalipse não se inclina para a apresentação histórica contínua; história e literatura apocalíptica não se adequam. Em segundo lugar, se o Apocalipse pretendesse ser continuamente histórico, a igreja primitiva e as gerações sucessivas teriam sido incapazes de usufruir o benefício de uma

mensagem que não se aplicaria elas. Além disso, há intérpretes que aplicam o livro à igreja ocidental, como se a igreja oriental não existisse. Além do mais, os adeptos do ponto de vista histórico às vezes recorrem a interpretações triviais que são não apenas fantasiosas, mas estão desonrando a Escritura. E, por fim, os métodos usados para calcular épocas na história com base nos números apocalípticos são, na melhor das hipóteses, cômicos e terrivelmente enganosos.

C. Futurista

A visão futurista na interpretação do Apocalipse consiste em que a maior parte do livro, começando com 4.1, pertence ao futuro. Os proponentes enfatizam que as profecias deste livro se cumprirão um pouco antes, durante e depois do regresso de Jesus à terra. São as visões do trono, o rolo lacrado com sete selos que serão abertos um a um, as sete trombetas, as duas testemunhas, a mulher e seu filho, as sete taças, a grande prostituta, a queda de Babilônia. Todos esses são eventos que ocorrerão antes da vinda de Cristo.

Aliás, o escritor do Apocalipse, ao longo de todo o livro, aponta para o dia do regresso de Cristo. O elemento profético é um componente inegável, pois João escreve a palavra profecia sete vezes no Apocalipse (1.3; 11.6; 19.10; 22.7, 10, 19, 19). João escreve à luz do grande e terrível dia do prometido regresso de Jesus. E, nesse aspecto, sua mensagem é profética.

O futurista compara o vocabulário de Apocalipse 1.1 e 19 com o de 4.1. Nas primeiras duas mensagens (1.1, 19), João realça as coisas que logo devem acontecer e escreve abaixo o que ele viu das coisas que são e acontecerão posteriormente. Na última mensagem, diz a João: "Suba para cá, e lhe mostrarei o que deve acontecer depois dessas coisas" (4.1). A divisão, de conformidade com o futurista, cai em duas categorias: primeira, as coisas que pertencem ao tempo em que João vivia; segunda, todas as coisas que pertencem ao futuro.

O futurista interpreta o Apocalipse literalmente, e considera a segunda parte deste livro como um testemunho de "os tempos do fim, quando as consequências cósmicas estarão em jogo, e quando as forças supernaturais serão liberadas." Esta visão do Apocalipse é escatológica e põe ênfase no dia do regresso de Cristo.

Há, não obstante, uns poucos problemas com essa abordagem de cunho futurista. Um deles é que ela faz com que “os três primeiros capítulos do Apocalipse vêm a ser irrelevantes para a igreja contemporânea”. Outro problema é que a ênfase profética focaliza o regresso de Cristo. Ninguém porá em dúvida que a igreja deve esperar ansiosamente esse regresso, porém isso não significa que as profecias no Apocalipse não se cumprirão até a Segunda Vinda. Se fosse assim, então a igreja dos dias de João até hoje não foi capaz de aplicar a mensagem dessas profecias ao tempo posterior ao primeiro século. Então a igreja deve esperar pacientemente e considerar abençoados os que estiverem presentes na vinda do Senhor, porque somente aqueles santos é que verão a consumação (22.7, 10, 18, 19). João, não obstante, está escrevendo a seus contemporâneos e aos crentes nos séculos sucessivos; ele tem uma mensagem para a igreja do mundo inteiro e de todas as épocas. O livro está saturado com palavras de conforto para o povo de Deus em todo lugar e em todos os tempos.

D. Idealista

O último método para se interpretar o Apocalipse é a escola idealista. Ela interpreta o Apocalipse como um livro de princípios que contrastam o Cristo vitorioso e seu povo com um satanás derrotado e seus adeptos. João delineia esse contraste do princípio ao fim do livro, desde Jesus de posse das chaves da Morte e do Hades, no capítulo 1, ao diabo, a Morte e ao Hades sendo lançados no lago de fogo, no capítulo 20.

Quando Jesus proferiu a seus discípulos seu discurso acerca das últimas coisas (Mt 24; Mc 13; Lc 21), ele lhes deu princípios que transmitiriam, a eles e aos crentes de todas as eras, o conforto e a certeza de que ele está sempre presente com eles. Da mesma forma, João na ilha de Patmos recebeu não uma visão da igreja em tempos subsequentes, ou no fim dos tempos, mas ideais que reanimam os crentes no conflito espiritual que enfrentam. Ele descreve Cristo apresentando princípios que por fim erradicarão o mal do mundo, e põe em realce os princípios opostos que Satanás e suas hordas põem em prática.

O Apocalipse não é uma história de eventos que têm ocorrido no passado ou uma profecia de eventos que se concretizarão no futuro. É um livro que enche o

povo de Deus com conforto e motivação para suportar até o fim. Os idealistas enfatizam os princípios neste livro de modo que sua mensagem seja aplicável aos cristãos de todas as gerações, desde o tempo de João até o fim das eras.

Hendriksen apresenta o propósito do Apocalipse e enfatiza o conforto que a igreja militante recebe em sua luta contra as forças de Satanás. Ele escreve que o livro está cheio de auxílio e conforto para os cristãos perseguidos e padecentes. A eles é dada a certeza de que Deus vê suas lágrimas (7.17; 21.4); suas orações exercem influência nas atividades do mundo (8.3, 4) e sua morte é preciosa a seus olhos. Sua vitória final é garantida (15.2); seu sangue será vingado (19.2); vivem e reinam para Cristo pelos séculos dos séculos. Ele governa o mundo no interesse de sua Igreja (5.7, 8). Ele virá outra vez a fim de receber seu povo para si em “a ceia nupcial do Cordeiro”, e para viver com eles para sempre em um universo rejuvenescido (21.22).

Os crentes que leem o Apocalipse sabem que Jesus jamais os abandona, mas que está sempre perto de seus santos. Sabem que são a noiva e que Jesus é o noivo (19.7; 21.2, 9). Portanto, visto que o Espírito e a noiva solicitam que ele venha (22.17), Jesus lhes assegura que ele virá depressa (22.20).

Jesus controla a história do princípio ao fim, e João reflete esse fato no Apocalipse. Aqui João parece não especificar eventos particulares, e, sim, princípios que se aplicam a tendências e conseqüências inerentes que surgem em qualquer época e lugar. A questão do tempo como tal tem pouca relevância no Apocalipse, porque ele não é cronológico, mas um princípio duradouro que governa este livro. O tempo é descrito em termos de quarenta e dois meses ou 1.260 dias (11.2, 3; 12.6; 13.5), e pelas expressões tempo, tempos e metade de um tempo (12.14), e um breve tempo (6.11; 20.3). O tempo é apresentado como uma ideia em forma sintética que não pode ser qualificada em termos de anos ou séculos. Milligan conclui: “Portanto, não temos o direito, ao interpretarmos o Apocalipse, de interpor o pensamento de um longo ou de um breve desenvolvimento de eventos. Ele é uma representação na qual uma ideia, não o tempo necessário para a expressão da ideia, exerce a parte principal.”

O Apocalipse toma por empréstimo imagens, sinais, símbolos, nomes e números do cenário religioso e cultural do autor, e através deles apresenta uma

mensagem que é universal e permanente. Que a mensagem não se limita há algum tempo ou lugar específico, mesmo quando esses termos e expressões representam cenas extraídas dos países adjacentes ao Mar Mediterrâneo e outros lugares do Oriente Médio.

As objeções à escola idealista dizem respeito à ausência de ênfase à história e à profecia. E essas são preocupações legítimas, pois todo exegeta cuidadoso deve se precaver que nenhuma parte do Apocalipse seja negligenciada. Aliás, a maldição divina repousa sobre todos quantos omitem partes de sua revelação (Ap 22.19). O idealista, não obstante, reconhece que muitas partes do Apocalipse se inclinam para os cenários históricos, porém esses [cenários] podem ser aplicados a muitas épocas na história da igreja cristã. João estava apto a designar um número de visões para seus próprios dias, mas também os crentes que têm sofrido ou estão sofrendo perseguição ainda hoje têm sido aptos a visualizar sua situação pelo espelho do Apocalipse.

No que respeita às profecias, os idealistas ensinam que estas estão se cumprindo no decurso do tempo e se cumprirão na consumação, quando Jesus regressar. Sabem que o que ele prometeu se cumprirá no tempo em que o Pai designou por sua própria autoridade (Mt 24.36; At 1.7). Mas também creem que o Apocalipse não ensina que a Segunda Vinda de Cristo já se tornou uma realidade. O livro ensina que ele voltará como prometeu, não que ele já veio. A passagem em 19.11-21 é uma visão de uma ocorrência que se concretizará.

É preciso dizer uma palavra final concernente a uma posição idealista contemporânea. Nem todos os intérpretes defendem um conceito elevado da Escritura, e alguns usam o Apocalipse com um documento para causas específicas. Para esses intérpretes, o Apocalipse é um livro saturado com princípios éticos que assistem seus leitores nas lutas cotidianas, nas áreas econômicas, raciais e sexuais. Usam o Apocalipse como fonte para o ensino da teologia da libertação, no auxílio aos pobres em sua luta contra a opressão econômica. Encontram neste livro informação adequada para o combate contra a discriminação racial e a supressão das minorias. Alguns interpretam o Apocalipse como base para se construir uma teologia feminista. Assim veem nos capítulos 10 a 15 um quadro de uma comunidade e seus opressores, de profetas que são comissionados, de

inimigos reveladores na comunidade e de uma libertação que surge no tempo da ceifa escatológica.

Esta ênfase realça as necessidades e os interesses humanos, porém age assim como pretexto para negligenciar as verdades eternas da revelação de Deus em Jesus Cristo. A mensagem do Apocalipse é muito mais ampla, porquanto nos aponta o Cristo vitorioso e seus seguidores que são mais que vencedores.

QUESTÕES MILENISTAS DO APOCALIPSE

Ao longo da história da igreja tem havido três visões principais sobre o calendário e a natureza desse "milênio":

Amilenismo. De acordo com esta posição, a passagem em Apocalipse 20:1-10 descreve esta era da igreja. Esta é uma época em que a influência de Satanás sobre as nações foi reduzida o suficiente para que eles pudessem pregar o evangelho em todo o mundo. Aquilo que é dito ter reinaram com Cristo durante mil anos são os cristãos que morreram e agora reinam com Cristo no céu. Cristo reina no milênio, de acordo com esta visão, não um reino físico aqui na terra, mas o reino celestial de que falava quando disse: "Foi-me dada a autoridade no céu e na terra" (Mt 28:18).

Esta visão é chamada de "amilenista", porque sustenta que não há futuro milênio por vir. Como amilenistas acreditam que Apocalipse 20 está cumprido agora na era da igreja, argumentam que o "milênio" aqui descrito está ocorrendo atualmente. A duração exata da era da igreja não pode ser conhecida, e o termo "mil anos" é simplesmente uma expressão por um longo período de tempo onde você se encontra com propósitos perfeitos de Deus.

De acordo com esta posição, a igreja vai continuar até o retorno de Cristo. Quando Cristo voltar, haverá uma ressurreição de crentes e não crentes. Ele levantou os corpos dos crentes para se reunir com os seus espíritos e entrar no pleno gozo do céu para sempre. Os incrédulos subirão para enfrentar o julgamento final e a condenação eterna. Os crentes também vão subir para o tribunal de Cristo (2 Cor 5:10), mas este julgamento só determina graus de recompensa no céu, porque só os incrédulos serão eternamente condenados.

Neste momento também iniciarão os novos céus e nova terra. Imediatamente após o julgamento final começará o estado da eternidade e vai continuar para sempre.

Este esquema é bastante simples que o fim dos tempos acontece uma vez, imediatamente após o retorno de Cristo. Alguns amilenistas dizem que Cristo poderia voltar a qualquer momento, enquanto outros (como Berkhof) alegam que alguns sinais ainda precisam acontecer.

Pós-milenista. O prefixo pós significa "depois". De acordo com este ponto de vista, Cristo voltará após o milênio.

Segundo essa visão, o progresso do crescimento do evangelho e da igreja é gradualmente aumentado de forma que uma proporção crescente da população mundial se torna cristã. Como resultado, haverá uma significativa influência cristã na sociedade, a sociedade cada vez mais viverá de acordo com os padrões de Deus e, gradualmente, ultrapassa uma "era milenar" de paz e justiça na terra. Esse "milênio" durará um longo período de tempo (não necessariamente um literal mil anos) e, finalmente, no final desse período, Cristo voltará à Terra, subirá para crentes e descrentes, será o julgamento final, e haverá um novo céu e nova terra. Em seguida, virá para o estado da eternidade.

A principal característica do pós-milenismo é seu otimismo sobre o poder do evangelho para mudar vidas e fazer muita coisa boa no mundo. A crença no pós-milenismo tende a aumentar nas épocas em que a Igreja experimenta um grande avivamento, quando não há guerra ou conflito internacional, e quando parece fazer grande progresso em vencer o mal e sofrimento no mundo. Mas, em sua maioria o pós-milenismo responsável não se baseia apenas na observação de eventos no mundo ao nosso redor, mas os argumentos de várias passagens da Escritura.

Pré-Milenismo

- A. *O pré-milenismo clássico ou histórico:* O prefixo "pré" significa "antes" e a posição "pré-milenismo", diz que Cristo voltará antes do milênio. Essa visão tem uma longa história desde os primeiros séculos.

Segundo essa visão, a era atual da igreja continuará até que se aproximar do fim, e um momento de grande tribulação e sofrimento recai sobre a terra. Após este período de tribulação no final da era da igreja, Cristo voltará à terra para estabelecer um reino milenar. Quando ele retorna, os crentes que morreram vão ressuscitar dentre os mortos, seus corpos vão se juntar aos seus espíritos, e reinarão com Cristo sobre a terra por mil anos. (Alguns pré-milenistas interpretam isso como um literal mil anos, e outros consideram que é uma expressão simbólica por um longo período.) Durante esse tempo, Cristo estará fisicamente presente na terra em seu corpo ressuscitado, e reinará sobre toda a terra. Os crentes terão ressuscitados dos mortos, e aqueles que estiverem na Terra no retorno de Cristo, terão corpos ressuscitados glorificados e nunca mais vão morrer; e nestes corpos ressuscitados viverão na Terra e reinarão com Cristo.

Dos incrédulos que permanecerem na terra, muitos (mas não todos) se voltará para Cristo e serão salvos. Jesus reinará em perfeita justiça e paz se toda a terra. Muitos Prémilenistas argumentam que a terra será restaurada e que de fato teremos novos céus e nova terra. (mas não é essencial para o pré-milenismo respeitar isso, porque eles podem ser pré-milenar e argumentam que os novos céus e a nova terra podem ocorrer até depois do julgamento final). No início desta época Satanás será preso e lançado no abismo, para que nenhuma influência sobre a Terra durante o Milênio (Apocalipse 20:1-3).

De acordo com a visão pré-milenista, no final dos mil anos Satanás será solto do abismo e unir forças com muitos incrédulos que se apresentaram formalmente ao reinado de Cristo, mas, interiormente, permaneceram em rebelião contra ele. Satanás ira se reunir com eles para lutar contra Cristo, mas eles serão derrotados. Então Cristo ressuscitará dos mortos todos os crentes que morreram ao longo da história, e estes serão apresentados a ele para julgamento final. Após o julgamento final, os crentes entrarão no estado eterno.

Parece que o pré-milenismo tende a aumentar sua popularidade quando a igreja tem perseguição experiente, e quando o mal e o sofrimento têm crescido na terra. Mas, como no caso de pós-milenarismo, os argumentos de posição pré-milenismo não se baseiam na observação dos acontecimentos atuais, mas em

passagens específicas das Escrituras, especialmente (mas não exclusivamente) em Apocalipse 20:1-10.

B. Pré-milenismo pré-tribulacionista (ou pré-milenismo dispensacionalista): Outra variedade do pré-milenismo conquistou ampla popularidade nos séculos XIX e XX, particularmente no Reino Unido e Estados Unidos. De acordo com esta posição, não só Cristo voltará antes do milênio (a volta de Cristo é pré-milenar), mas também podem ocorrer antes da tribulação (o retorno de Cristo é pré-tribulacionista). Esta posição é semelhante à antiga posição clássica mencionada acima, mas com uma diferença importante: adicionar outro retorno de Cristo antes de seu retorno pra reinar sobre a terra no milênio. Este retorno de Cristo é entendido como um mistério para os crentes do mundo.

Segundo essa visão, a era da igreja continuará até que, subitamente, de forma inesperada e secreta, Cristo retornará à Terra até o meio do caminho, e depois chamará os fiéis a si mesmo: "Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Então nós, os que estão vivos, que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares "(1 Tessalonicenses 4:16-17). Então, Cristo voltará para o céu com os crentes que foram arrancadas da terra. Quando isso acontecer, haverá uma grande tribulação na terra durante um período de sete anos.

Durante este período de sete anos de tribulação, muitos dos sinais previstos para preceder o retorno de Cristo serão cumpridos. O ajuntamento de todo o povo judeu tem lugar, ao confiarem em Cristo como seu Messias. No meio de grande sofrimento haverá evangelização muito eficaz, realizadas especialmente pelos novos cristãos judeus. E no final da tribulação, Cristo voltará com Seus santos para reinar na terra por mil anos. Após este período milenar haverá uma rebelião, levando à derrota final de Satanás e suas forças, e então virá a ressurreição dos incrédulos, o juízo final, e o início do estado de eternidade.

Uma característica adicional do pré-milenismo pré-tribulacionista deve ser mencionado: Este ponto de vista é encontrado quase exclusivamente entre os dispensacionalistas que desejam manter uma clara distinção entre a Igreja e

Israel. Esta visão permite a distinção pré-tribulacionista ser mantida, porque a igreja é removida do mundo antes da conversão generalizada do povo judeu. Conseqüentemente, o povo judeu continua a ser um grupo distinto da igreja. Outra característica do pré-milenismo pré-tribulacionista é sua insistência em interpretar as profecias, literalmente "possível." Isto se aplica especialmente às profecias do Antigo Testamento concernentes a Israel. Aqueles que defendem esta visão argumentam que essas profecias da futura bênção de Israel continuaram sendo cumpridas entre o povo judeu e não devem ser "espiritualizados". Buscando seu cumprimento na igreja. Finalmente, uma característica atraente do pré-milenismo pré-tribulacionista é que insiste que o retorno de Cristo pode ocorrer "a qualquer momento" e, portanto, fazer justiça a toda a força das passagens que nos incentiva a estar pronto para o retorno de Cristo, enquanto permite um cumprimento muito literal dos sinais que precederão a volta de Cristo, eles dizem que terão lugar na tribulação.

É importante perceber que a interpretação dos detalhes das passagens proféticas relativas a acontecimentos futuros é muitas vezes uma tarefa complexa e difícil que envolve muitas variáveis.

CONCLUSÃO – QUESTÕES APLICATIVAS

QUAL É A SUA MENSAGEM E RELEVÂNCIA PARA A IGREJA ATUAL?

O livro de Apocalipse é um livro que fascina e perturba os seus leitores. As suas imagens poderosas, ainda que obscuras, nos confundem, mas ao mesmo tempo nos apresentam claramente uma percepção grandiosa e irresistível. Apocalipse não é um de terror, mas de esperança.

A REJEIÇÃO DO CRISTO

O gentil Jesus dos Evangelhos é o Poderoso Deus que exhibirá sua majestade nos terríveis julgamentos sobre o pecado. E a história certamente se encaminha rumo a esta grande condenação. Mas também para a glorificação plena do Cordeiro. João chora por não encontrar ninguém digno de abrir o livro. Mas ele é consolado pelo aparecimento do Cordeiro que foi morto. Quando João olha,

entretanto, não é um cordeiro manso que ele enxerga, mas um leão poderoso, O Leão da tribo de Judá (Ap.5). O Cordeiro é a apresentação de Cristo em sua humanidade humilde. Expressa de forma chocante a sua humilhação; sua condição de Servo do Senhor. Mas o Leão é a apresentação de Cristo em sua soberana majestade! Ele não é aquela figura fraca cuspidada pelos homens, mas aquele que pisa o lagar com o furor da sua ira (Ap 19.15). Como Cordeiro, Cristo é a aquele que “não tinha aparência nem formosura” (Is 53.2). Mas aqui em Apocalipse todos se prostram diante da glória do Cordeiro. Aquele que “olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse” (v.2), mas que em Apocalipse enche todos de alegria pela sua beleza espiritual. Cristo como cordeiro, ao se manifestar como servo, por não elevar a glória humana e sim a de Deus, “Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso”. (v.3). Mas o Cordeiro anunciado pelo anjo a João tinha marcas de que havia sido morto.

João teve a convicção profetizada por Isaías “Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido”. (v.4). As suas chagas eram por nossa causa, pois “ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (v.5). Devemos a Ele toda a glória e honra mesmo em sua humilhação. Devemos ser-lhe eternamente grato, pois “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos”. (v.6).

Nossa salvação veio do seu sofrimento voluntário, pois “Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca”. (v.7) Mas aqui em Apocalipse, Ele abrirá sim a sua boca e dela sairá sua palavra como espada afiada para destruir aqueles que o rejeitara e o humilhara (Ap.19.15.16). O Cordeiro não será mais humilhado pelos homens. Será glorificado por toda a criação, inclusive por seus inimigos (Fp. 2.9-11). O Cristo hoje rejeitado por muitos será glorificado por todos. Sua glória será finalmente e eternamente

reconhecida. Estas verdades, reveladas em Apocalipse como em nenhum outro livro, enche de alegria e esperança aqueles que amam e aguardam a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (2Tm.4.8).

A IGREJA

Ao olharmos para a igreja atual, podemos ser levados a pensar se ela de fato resistirá até a volta de Cristo. Tanto por causa do pecado que parece dominar a igreja de Cristo, como diante das constantes lutas que enfrentam os servos fiéis. Mas Paulo em Efésios 5.25-27 diz que “Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para apresentá-la a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito”. A obra de Cristo não falhará. Ele morreu para um propósito e este propósito não será frustrado. Tudo o que Cristo fez pela igreja foi para apresentá-la irrepreensível naquele grande dia. Em Apocalipse, João nos dá esta visão maravilhosa. (Ap.7.13-17; 19.9-11). A igreja de Cristo triunfará! Esta verdade ensinada nas epístolas e reveladas no Apocalipse nos traz esperança diante da presente situação vergonhosa da igreja. A obra de Cristo ainda não foi concluída em sua noiva. As tribulações são superadas pela renovação da esperança antevista no Apocalipse e em outras partes da bíblia.

Rm. 8.17-18 *“Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coherdeiros com Cristo; se com ele sofrermos, também com ele seremos glorificados. Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós”.*

O SISTEMA MUNDANO

Diante do caos em que se encontra o mundo, podemos perguntar se Deus ainda tem algum controle sobre ele. Apocalipse responde com um vigoroso sim. Deus não está cego ao pecado e injustiças generalizadas. O governo humano, instituído por Deus, mas guiado por satanás, cairá diante do estabelecimento do governo de Cristo. Isso é uma das coisas mais patentes em Apocalipse, a despeito

de qualquer corrente de interpretação. O mal e a injustiça serão julgados. O bem e a justiça triunfarão. E os justos se alegraram! As lágrimas serão enxutas (Ap.7.17; 21.4) e os que têm fome e sede de justiça serão finalmente fartos (Mt.5.6).

Apocalipse 7:17 *“pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima.”*

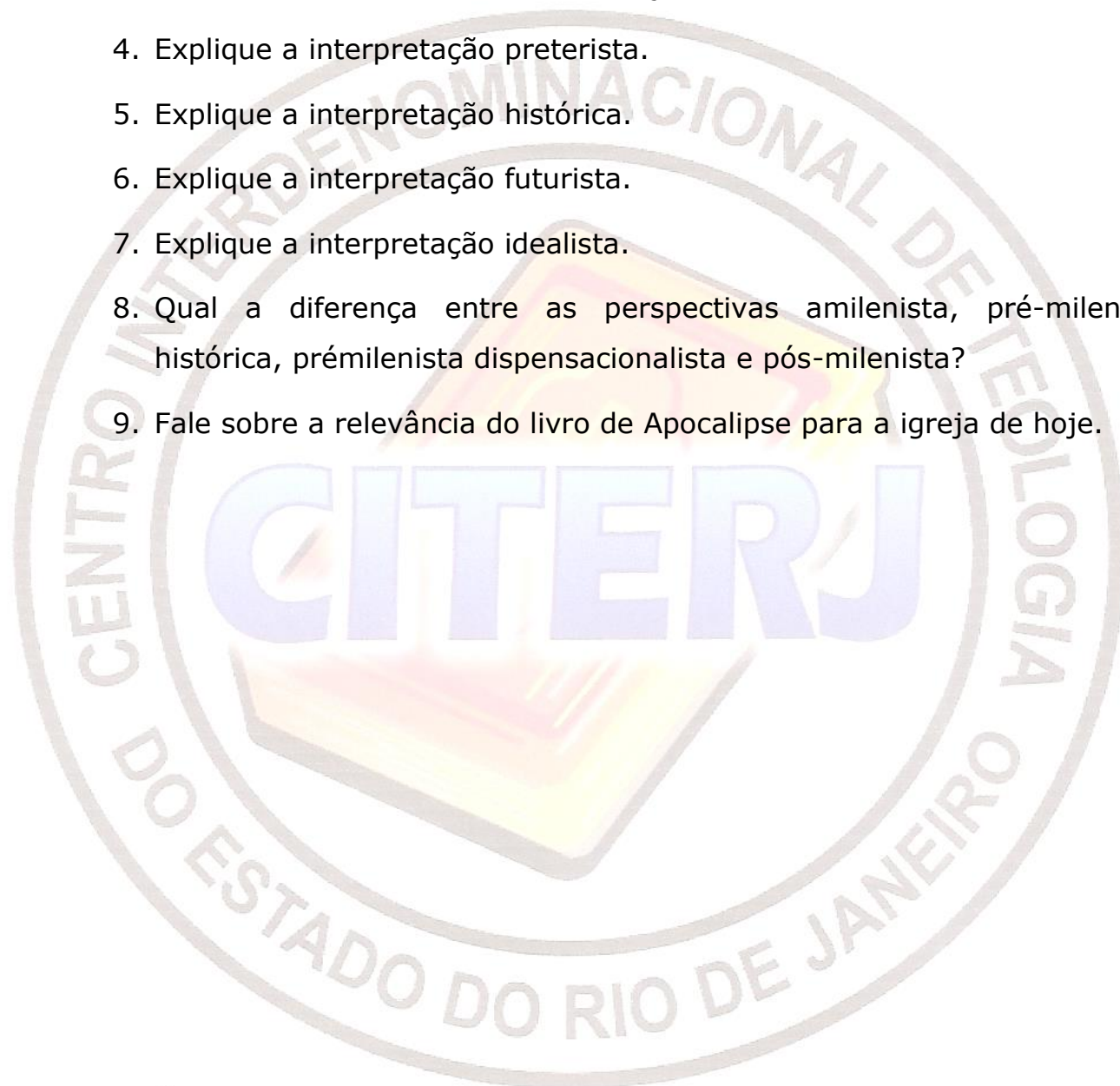
Apocalipse 21:4 *“E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.”*

A AÇÃO DE SATANÁS

Satanás já está vencido, mas ainda atua no tempo presente. Sua derrota já está decretada, mas ainda não consumada. Mas em Apocalipse ele tem pressa, pois sabe que o seu tempo de atuação está acabando (Ap 12.12). O acusado calará a sua boca (Ap 12.10) A primeira profecia da bíblia será plenamente cumprida, pois o Filho do homem (mulher) pisará a cabeça da serpente (Gn 3.15). E o pisará por meio do seu corpo a igreja (Rm 16.20). Ele será eternamente punido (Ap 20.10). Isso também nos enche de ousadia, pois lutamos contra um inimigo que já tem a sua derrota decretada. É só questão de tempo e perseverança de nossa parte, enquanto ele ainda atua contra a igreja de Cristo.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. Quais as características dos sete selos?
2. Quais as características das sete trombetas?
3. Quais as características das sete taças?
4. Explique a interpretação preterista.
5. Explique a interpretação histórica.
6. Explique a interpretação futurista.
7. Explique a interpretação idealista.
8. Qual a diferença entre as perspectivas amilenista, pré-milenista histórica, prémilenista dispensacionalista e pós-milenista?
9. Fale sobre a relevância do livro de Apocalipse para a igreja de hoje.



BIBLIOGRAFIA:

1. EDITORA VIDA. Bíblia de Estudo NVI. São Paulo: Editora Vida, 2008.
2. Manual Bíblico Vida Nova – São Paulo: Editora Vida Nova, 2001.
3. THOMPSON, Bíblia De Referencias.
4. PENTECOSTAL, Bíblia De Estudo.
5. ILUMINIA, Bíblia Cd Row.
6. BRUCE, F.F. Novo comentário da bíblia.
7. GUNDRY, Robert H. Panorama Do Novo Testamento.
8. DOCKERY ED, David. Manual Bíblico Vida Nova. São Paulo, Editora Vida Nova, 2001.
9. Comentário Bíblico Moody
10. BARCLAY, William. Comentário do Novo Testamento
11. BOOR, Werner De. Comentário Bíblico Esperança. Curitiba: Editora Esperança 2002. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/56381578/Joao-Comentario-Esperanca>
12. RUSSELL N Champlin. Enciclopédia de Teologia e Filosofia da Bíblia.
13. ADAMS, J. Wesley (Comentário Bíblico Pentecostal)
14. GUNDRY, Robert H. PANORAMA DO NOVO TESTAMENTO.
15. COMENTÁRIO DO NOVO TESTAMENTO
16. KISTEMAKER, Simon J. Exposição do Livro do Apocalipse. Editora Cultura Cristã
17. GRUDEM, Wayne. Teologia Sistemática. Edição Revisada – 2009 - Edição em espanhol publicada pelo Zondervan – 2007 Miami, Florida.
18. HENDRIKSEN, William. Mais Que Vencedores, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 1987
19. WILCOCK, Michael. A mensagem de Apocalipse - São Paulo: ABU Editora, 2003

--- CITERJ ---

Centro Interdenominacional de Teologia do Estado do Rio de Janeiro

Um órgão da AECB

CONTATOS

www.citerj.com.br - citerjaecb@gmail.com

WhatsApp: (21) 36118661 – (21) 9776 9825 (21) 967155926

Proibido a reprodução e cópia sem autorização do CITERJ

